



Chávez, morte e “desamparo informativo” na cena da circulação midiaticizada¹

 Antonio Fausto Neto²

Resumo

A produção e a circulação de um acontecimento reúnem elementos imprevistos, mas também suas imbricações a realidades e modelos que lhes dão modo de existência, segundo processos e operações de inteligibilidades. Particularmente, quando lógicas e operações de mídias dele se ocupam, em contextos distintos - como o da ‘sociedade dos meios’ e o da ‘sociedade em vias de midiaticização’ - nos quais, ao longo dos últimos 30 anos, ocorrem a enfermidade e morte de dois presidentes latino-americanos: Tancredo Neves (1985) e Hugo Chávez (2013). O ‘Caso Tancredo’, não obstante o impacto com que afetou inúmeros campos sociais, foi objeto do trabalho do porta-voz, enquanto dispositivo técnico e sociodiscursivo típico da ‘sociedade dos meios’. Opera como uma instância de mediação, cuja ‘fala intermediária’ buscou fazer a passagem do acontecimento sobre um corpo falado, da complexidade médico-política para discursividades e imaginários sociais. O ‘Caso Chávez’, enquanto acontecimento-objeto da complexidade dos processos de circulação da sociedade midiaticizada, obedece a outra lógica, na medida em que se engendra e se dissemina em meio a diversidade de processos, fluxos e circuitos, trazendo à tona, como efeito desta dinâmica, o que se chamou, neste contexto, de ‘desamparo-informativo’. Se, para narrar a enfermidade/ morte de Tancredo, o porta-voz engendra, por efeito do seu discurso, o ‘acontecimento-mediação’, a enfermidade/ morte de Chávez, descentrada de estruturas mediadoras, é semantizada por uma diversidade de dispositivos cujos efeitos discursivos apontam para o ‘acontecimento- circulação’. O artigo enfatiza descrições sobre o desaparecimento do presidente Hugo Chávez, à luz destes complexos processos técnico-discursivos em funcionamento no atual estágio da midiaticização.

Palavras-chave: Midiaticização; circulação; “desamparo-informativo”; mitologias

Resumen

La producción y circulación de un suceso reúnen elementos imprevistos, pero también sus imbricaciones a las realidades y modelos que les da modo de existencia, según procesos y operaciones de inteligibilidades. Particularmente, cuando lógicas y operaciones de medios se ocupan de él, en contextos distintos - como lo de la ‘sociedad de los medios’ y lo de la ‘sociedad en vías de mediaticización’ - en los cuales, a lo largo de los últimos 30 años. Ocurren la enfermedad y la muerte de dos presidentes latinoamericanos: Tancredo Neves (1985) y Hugo Chávez (2013).

¹ Participaram da elaboração deste texto, através de pesquisas e mapeamento dos materiais aqui referidos, a bolsista AT/NS-CNPq Aline Weschenfelder, o bolsista IC Probioc-FAPERGS Marcos Reche Ávila e a colaboradora Anaíara Ventura.

² Professor titular do PPGCC da UNISINOS; professor do Centro Universitário Franciscano - UNIFRA e pesquisador 1-A do CNPq. E-mail: afausto@terra.com.br

El ‘Caso Tancredo’, no obstante el impacto con que repercutió, inúmeros campos sociales, fue objeto del trabajo del portavoz, mientras dispositivo técnico socio discursivo típico de la ‘Sociedad de los medios’. Opera como una instancia de mediación cuya ‘habla intermediaria’ ha buscado hacer el pasaje del suceso sobre un cuerpo hablado, de la complejidad médico-política para discursividades e imaginarios sociales. El ‘Caso Chávez’, mientras suceso objeto de la complejidad de los procesos de circulación de la sociedad mediatizada, obedece a otra lógica, en la medida en que se engendra y se disemina en medio a la diversidad de procesos, flujos y circuitos, poniendo en práctica, como efecto de esa dinámica, lo que se llamó, en ese contexto, de ‘desamparo-informativo’. Si, para narrar la enfermedad/ muerte de Tancredo, el portavoz engendra, por efecto de su discurso, el ‘suceso-mediático’, la enfermedad/ muerte de Chávez, descentrada de estructuras mediadoras, es semantizada por una diversidad de dispositivos y, cuyos efectos discursivos, apuntan hacia el ‘suceso-circulación’. El artículo enfatiza descripciones sobre el desaparecimiento del presidente Hugo Chávez, a la luz de esos complejos procesos técnico-discursivos en funcionamiento en la actual pasantía de la mediatización.

Palabras-clave: Mediatización; circulación; desamparo informativo; mitologías

Abstract

The production and circulation of an event gathers unexpected elements, but also its imbrications to realities and models which give them a mode of existence according to processes and intelligibility operations. Especially, when logics and media operations are concerned about it, in different contexts – like the ‘society of means’ and the ‘society seen to be reaching media coverage’ – in which, over the last 30 years, the sickness and death of two Latin-American presidents took place: Tancredo Neves (1985) and Hugo Chávez (2013). The ‘Tancredo case’, nevertheless, the impact with which several social fields were affected, it was the object of work of a spokesperson, at the same time it was the typical technical-social-discursive device belonging to the ‘society of means’. It operates as a mediation instance in which an ‘intermediary speech’ strove to do the coverage of an event about a spoken body, the medical-political intricacy for discourse forms and social imaginary. The ‘Chavez case’, as an event-object of the complexity of the communication procedures in a mediatized society, following a different logic, as it is engendered and disseminated among different processes, flows and circuits, bringing up, as an effect of this dynamic, what was called, in this context, ‘informative helplessness’. If, in order to report Tancredo’s sickness/death, the spokesperson engenders, by means of his speech, the ‘event mediation’, Chavez’s sickness/death, decentralized from mediating structures, it is semanticized by several devices and, which discursive effects, point out for the ‘event mediation. This paper highlights information about the disappearance of the president Hugo Chavez, in the light of these complicated technical-discursive processes which operate in the contemporary stage of media coverage.

Keywords: Media coverage; circulation; “informative helplessness”; mythologies

Introdução

Há quase três décadas (1985), às vésperas de tomar posse no cargo de presidente da República, Tancredo Neves – o 1º presidente civil após o ciclo revolucionário – foi acometido por uma diverticulite. Internado em Brasília e, posteriormente, transferido para São Paulo, após 40 dias de terapias e cuidados médicos, falece na data em que se comemorava a morte de um dos heróis nacionais, Tiradentes. Vinte e oito anos depois (2013), o presidente Hugo Chávez após se debater com um câncer desde 2011, que o leva a quatro cirurgias e a um longo tratamento na sua maior parte, em Cuba, falece às vésperas da inauguração de um novo mandato presidencial.

À margem das implicações resultantes do desaparecimento desses dois líderes do cenário político latino-americano, chama atenção o fato de suas enfermidades e mortes se tecerem no âmbito de dois processos que envolvem lógicas e operações de mídias, no âmbito da “sociedade dos meios” e da “sociedade em vias de midiaticização”. Ao longo desses anos, acontecimentos que envolvem a vida e o destino de personalidades internacionais ocorrem e são semantizados por diferentes rituais que mostram “maneiras de adoecer” e “maneiras de morrer” de líderes políticos, nas mídias. Porém, os ciclos de doença e morte das duas personalidades acima, reúnem alguns “paradigmas”, pois seus processos de inteligibilidades são intensamente permeados por operações de dispositivos midiáticos. O primeiro tem seu desenrolar a partir do trabalho técnico-simbólico do “porta-voz”, enquanto instância que faz a ponte entre o mundo hospitalar e a sociedade. Descreve o passo a passo das ações que ali se desenrolam, e, de algum modo, cadencia práticas discursivas de outros campos sociais, em torno das quais se disputam sentidos acerca do corpo de um presidente, que, estando submetido aos cuidados do *bunker*, se transforma numa problemática – ou mesmo em um objeto dos discursos sociais. O segundo, que se engendra num outro estágio da sociedade no qual fluxos informativos não estariam submetidos a hierarquias cristalizadas, uma vez que o acontecimento depende menos da atividade semantisadora de uma estrutura de mediação, como a do porta-voz, e mais diretamente dos fluxos e circuitos de informações que são veiculadas e dinamizadas no cenário da circulação midiaticizada. No primeiro caso, a estratégia singulariza-se pela proeminência de uma fala substituta, a do porta-voz, que sustenta a enunciação daquele que não pode mais proferir-la. No segundo, se desenrola um outro modo de sustentação de um discurso, o qual não se concentraria no centro de um dispositivo de mediação, mas na processualidade de intervenções enunciativas que visam, com suas estratégias, à superação do que se nomeou, no próprio seio da sociedade venezuelana, de “desamparo informativo”. A doença que acomete o presidente brasileiro não empossado dá origem a uma “ação comunicativa” que se faz em torno do porta-voz, instância que “racionaliza” uma intensa ação de campos sociais em torno dos quais gravita a saúde, e a própria vida, do presidente brasileiro. Mas enseja, também, que sentidos outros se manifestem em estratégias discursivas, várias, enquanto tentativas de interpretação que pudessem ultrapassar os limites inerentes à narrativa do porta-voz.

A enfermidade que acomete o presidente venezuelano se desenrola em meio a uma multiplicidade de combinações de estratégias comunicacionais, em cuja parte significativa, desponta a performance do próprio líder, sem os serviços intermediários. Também pelo modo como o caso foi tratado. A exemplo do presidente Tancredo, que foi “guardado” literalmente na ambiência hospitalar, sob os cuidados da lógica médica, o corpo de Chávez é “apropriado” pela racionalidade estratégica do campo político, ao se deslocar para ser tratado, em um outro país, por seus próprios especialistas. Aqui, a fala ritualizada do porta-voz, que segue um modelo de circulação de um para muitos, gera desconfortos por seu alto teor de repetição e, possivelmente, dependência do que a agenda médica, que cuida do presidente, autorizaria a dizer. Lá, na Venezuela, o hermetismo com que é tratado se caracterizaria por dois aspectos ambivalentes: de um lado a profusão de manifestações, via múltiplos porta-vozes que fazem circular informações em múltiplos processos discursivos, levando o caso adiante. Dentre eles, e durante uma certa fase, o próprio presidente é um dos atores estratégicos deste processo, ao se ocupar de tecnologias de comunicação para falar dos “cuidados de si”. De outro lado, a ocorrência do “desamparo informativo”, produzido pelos efeitos de políticas de comunicação sejam as oficiais, bem como aquelas tentativas, como o episódio da falsa foto de Chaves, divulgada pelo El País, buscando a qualquer custo, de um problemático processo de circulação, revelar um algo a mais “sobre a saúde de Chávez”. O acontecimento e sua transação dependem menos de uma estrutura que trate de articular a sua cadência, e mais de uma complexa processualidade que é dinamizada por uma atividade tecnomidiática que afeta as instituições e atores, e que se faz mediante uma atividade circulatória, da qual resultam novas tensões e disputas de sentidos. Se na primeira situação o corpo do presidente não podia sustentar um discurso, daí a emergência da instância que é delegada para representá-lo, discursivamente, na segunda, a promessa de um retorno do líder não se efetiva, gerando, como efeito, multiplicidade de diagnósticos e prognósticos cujas manifestações vêm à tona em pleno processo de circulação de informações. Os traços comunicativos que marcam estes acontecimentos, em cada uma destas sociedades, incidem sobre as condições em torno das quais eles são tecidos. No primeiro caso, o “acontecimento- mediação”, e no segundo, o “acontecimento-circulação”. Nosso objetivo, nessas reflexões, não visa fazer uma análise comparativa entre um e outro. Mas, ao destacar a singularidade de algumas características que envolvem as estratégias comunicativas sobre a doença e morte de Tancredo Neves, situá-las como referências que possam operar, por alguns “contrastes”, e nos ajudar a entender algumas dimensões do complexo processo de midiaticização da doença e morte de Hugo Chávez.

Cenário 1: a mediação posta em questão

A doença e morte de Tancredo é discursivizada por uma atividade enunciativa de um porta-voz que, na condição de mediador, sustentava a palavra daquele líder ausente, recolhido a intensas terapias em UTI hospitalar, onde vem a falecer. A enfermidade de Chávez, em fases que antecedem a sua

morte, se destaca por uma “bateria de estratégias”, algumas delas acionadas pelo próprio enfermo, ou pelo círculo governamental, sob as expensas de dispositivos tecnomidiáticos, como o *twitter*. São dois acontecimentos complexos que envolveram transações de múltiplos campos, especialmente os de natureza política e midiática, e que tiveram como cenários *dois momentos específicos*. O primeiro ocorre no contexto de uma sociedade fortemente marcada pela presença de mídias e que nela exerciam uma atividade “protagônica”. Nesse, os meios voltavam-se para organizar e tematizar questões sobre o caso, segundo práticas discursivas cuja ênfase estava na sua capacidade de fazê-lo segundo suas próprias operações autorreferenciais. E, o segundo é o atual estágio da “sociedade em vias de midiatização”: é a realidade em que todos os campos sociais e suas práticas são afetadas por lógicas e operações midiáticas. Nela, o campo político organiza suas próprias estratégias através das quais seus atores falam, diretamente, com a sociedade sem, necessariamente, a existência de instâncias mediadoras, como a do porta-voz, por exemplo.

Conforme dissemos, o objetivo deste artigo é descrever algumas características da doença e morte do presidente Hugo Chávez, da perspectiva de uma ambiência comunicacional distinta daquela na qual se deu a enfermidade e morte de Tancredo Neves. Possivelmente, haja algumas semelhanças entre os dois casos, considerando-se o fato de os mesmos se reportarem a personalidades de campos sociais estratégicos, e, particularmente, as condições nas quais a retirada dos mesmos da cena pública, momento no qual o mundo das assessorias entra em ação para acionar um “discurso de delegação”. Porém, tais enfermidades e mortes ocorrem em dois contextos midiaticamente distintos, fato que tem uma repercussão estratégica sobre as suas condições de mediação/midiatização. Esses acontecimentos se estruturam em torno de dois cenários. No cenário 1, a luta de Tancredo Neves, pela vida – em companhia dos médicos – torna-se um caso nomeado e discursivizado, por várias operações de semantizações, através de intenso processo de circulação de notícias, pelo qual as mídias objetivam se constituir num elo entre a instância hospital e a sociedade. Mesmo sem ter acesso às cenas internas do ambiente no qual estava o presidente-enfermo, circuitos de notícias visavam se contrapor a estrutura mediadora do porta-voz, através do qual o campo político decidiu comunicar-se com a sociedade sobre a doença do presidente, optando pela vigência de uma “fala intermediária” (Flahaut, 1979). Essa, durante todo o período da internação do presidente em Brasília, e depois em São Paulo, se encarregou de pôr em marcha um “ritual informativo” que operou enquadrando possíveis dispositivos paralelos de informação. E, de certa forma, desconhecendo outras enunciações que se faziam à parte destes protocolos, como aquelas proferidas por “aglomerações momentâneas” que, à distância, teciam outras narrativas, enquanto possibilidades de outros acontecimentos sobre o presidente, à margem dos relatos oficiais. A mídia jornalística que, durante anos, viu sua vocação mediadora confiscada ou vigiada pelos dispositivos da censura, retoma com a construção deste caso, ao lugar de centralidade que desempenhavam “na sociedade dos meios”. Se em até certo momento a mídia jornalística foi “refém” do dispositivo de fala

constituído em torno do porta-voz, há um outro no qual dele se desvencilha, pondo em ação “fundamentos da apuração investigativa”, até então adormecidos, cujos relatos sobre a saúde de TN contrastavam, de certa forma, com um discurso em repetição, elaborado por parte do porta-voz. Já neste plano, podemos chamar atenção para o fato de que a centralidade da atividade midiática enfrentava problemas específicos, embora ambos colocassem em questão a vocação mediadora do jornalismo, segundo duas dimensões: de um lado, a tarefa regulatória do porta-voz, a qual, ainda que equidistante, não deixa de representar um óbice ao acesso direto dos jornalistas as fontes de informação. De outro, diante da inexistência do acesso direto à fonte em função dos constrangimentos impostos pela “fala intermediária”, o acionamento do trabalho de apuração do jornalismo investigativo produziu também muitos senões, em nome do exercício de uma delegação que teria sido atribuída à mídia, por parte da sociedade. É, a partir desta compreensão que a enfermidade do presidente é transformada em um caso que é tecido mediante um trabalho de intervenção de mídias, com dois objetivos: de um lado, resgatar o acesso à fonte, sem a mediação de intermediário, como é o caso do porta-voz. De outro, produzir narrativa sobre o caso a partir deste constrangimento, mas com objetivo de vencer o circuito posto em prática pela política de comunicação oficial. Para tanto, se recorreu ao uso de expedientes de apuração, pela mobilização de fontes paralelas; reconstituição do ambiente hospitalar no qual estaria o presidente-enfermo; produção de diagnósticos segundo opiniões de fontes anônimas; e outros relatos muitos dos quais criados nos departamentos de artes dos meios jornalísticos. Recorde-se que um dos expedientes frequentemente utilizados pela mídia jornalística foi justamente o de reproduzir, mediante a animação gráfica, o ambiente hospitalar no qual estava Tancredo, diante da impossibilidade do acesso direto às instalações da UTI. Nessas condições é que afirmamos, em pesquisa, transformada em livro, que este caso se caracterizava por um “corpo falado” (Fausto Neto, 1988), na medida em que o presidente era objeto de inúmeras narrativas em circulação, especialmente daquelas confiadas ao porta-voz oficial e outras escolhidas e disseminadas pelos meios de comunicação. Mais que isso, era o pretexto de luta que se travava em torno de disputas de sentidos que se manifestavam nas diferentes estratégias: aquelas que defendiam por suas práticas, a importância do porta-voz como mediação, e uma outra que era defensora de um outro tipo de mediação, justamente aquele que poderia ser provido apenas, e, exclusivamente, pelo campo jornalístico e seus ‘peritos em ação’. Porém, pode-se agregar, ainda que de modo ilustrativo, que a emergência do porta-voz não deixa de ser uma evidência de como a centralidade da ação midiática e, de alguma de suas operações já se faziam presentes, ainda que de maneira seminal, em algumas práticas sociais que delas se valiam, como fonte e fundamentos de suas ‘políticas de reconhecimento’. Para enfrentar a doença do presidente segundo o “caso do porta-voz”, somente restaria a mídia jornalística tecer o seu próprio “caso”. E que é desenvolvido segundo jogos enunciativos que procuravam destacar a sua própria produção, ou seja, como nos colocamos

em contato com o nosso objeto, apesar da mediação regulatória do porta-voz? Como cenário 2, temos as características que envolvem o processo de mediação do acontecimento – enfermidade e morte de Chávez – e que se constituiu o objeto deste artigo, e do qual vamos nos ocupar nos itens que seguem.

Cenário 2: As operações de circulação da enfermidade mediada

Se a doença e morte do ex-presidente brasileiro se dão em um prazo de 40 dias, pelo menos para os círculos públicos, as do presidente venezuelano ocorrem em torno de dois anos, uma vez que em 2011 se dá o início de um ciclo de quatro cirurgias ao qual o presidente Chávez é submetido. A última a que se submeteu é anunciada por ele mesmo, em dezembro de 2012, quando revela o início de uma etapa pré-operatória para tratar em Cuba de um câncer na região pélvica, e quando anuncia o nome de Nicolas Maduro como o do seu sucessor: “ele é um completo revolucionário, um homem de grande experiência, apesar da juventude, com uma grande dedicação e capacidade para trabalhar. Em um cenário que sejamos obrigados a fazer uma eleição presidencial, vocês devem escolher Nicolas Maduro” (Folha.uol.com.br/mundo – 11.12.2012; 16hrs).



Figura 1. Recorte de *slideshow* da FSP, 11.12.2012.

Em uma primeira fase da enfermidade, o próprio Chávez esteve – ainda que em um período muito curto – à frente dos “contatos comunicacionais” com a sociedade venezuelana, anunciando, ele próprio, o estado de sua saúde. Recorde-se que em junho de 2011, conta, desde Havana e diante da televisão, que tem câncer e que havia sido operado para retirada de um tumor.

A quarta cirurgia, momento sobre o qual se restringe a reflexão aqui empreendida, coincide com o momento pré-eleitoral. Chávez ausente do processo pelas razões acima apontadas, nele se presentifica através de vários objetos – colares, brincos, camisetas estilizadas, etc, nas quais estão estampadas vários tipos de mensagens, dentre elas, "Chávez agora mais do que nunca". É possível admitir que este se constitua um dos passos deste complexo processo de circulação, na medida em que se constitui numa espécie de desdobramento do "corpo significante" do presidente. A ocorrência de sua 4ª cirurgia, em 11 de dezembro, suspende os festejos natalinos e de fim de ano, a serem comemorados em ambientes públicos venezuelanos, e irrompe nos dispositivos digitais como no *twitter*, onde partidários e opositores disputam sentidos em torno do destino de Chávez. Também dele se ocupam porta-vozes que vão à televisão oficial rejeitar notícias que circulam nas redes sociais que anunciam a suposta morte do presidente. (Folha.uol.com.br/mundo; 31.12.2012, 13 horas). Admitida a piora do estado do presidente, hospitalizado em Cuba, das ruas nascem manifestações segundo discursos de vários tipos desencadeados, de um lado, pelas oposições, que vão às ruas exigindo informações sobre o real estado de Chávez, pleiteando ainda a seus seguidores que "declarem que ele não está em condições de governar" (Folha.uol.com.br/mundo; 03.01.2012, 6h20min). De lá também os parceiros de Chávez emitem sinais de apoio, através de cartazes com as imagens do presidente nos quais anunciam que "venceremos", como uma palavra de ordem que soa enigmática, diante do próximo desenlace do caso. Já no mundo oficial, multiplicam-se os porta-vozes, como é o caso do ministro chanceler, que depois é ungido ao cargo deixado vacante por Chávez. Neste caso, Maduro afirma que "o presidente está consciente e que seu estado de saúde é complexo". Na mídia local são emitidos os primeiros diagnósticos vindos do mundo hospitalar, embora sem citar fontes: Chávez não pode assistir em 10 de janeiro ao ato de sua posse, devido a seu estado de saúde, após ser operado em 11 de dezembro de um câncer e de um pós-operatório com "complicações" no qual se produziu uma insuficiência respiratória como consequência de uma severa infecção pulmonar (www.elexpectador.com/noticias/Elmundo, 14.01.2013).

a) Imagens de Chávez morto: 1º episódio

Cinco dias após a admissibilidade de um quadro que se agrava, circula em 18 de janeiro, no ambiente digital, uma primeira imagem de Chávez, morto, segundo registro da Rede Fonte "suposta imagem de Hugo Chávez morto, a qual já tinha sido compartilhada por mais de 20 mil pessoas". Embora não se revele a autoria da foto e nem em quais condições a mesma teria sido obtida e, posteriormente, veiculada – trata-se de uma "primeira resposta" dos dispositivos midiáticos a ausência de imagens de Chávez, pois "desde sua despedida, o presidente não é visto, o que tem levantado diversas interpretações mais sombrias sobre seu estado de saúde" (www.redefonte.com, 18.01.2013). A mesma fonte comenta que um pouco mais de 15 dias antes, em 1º de janeiro, o meio de comunicação Informador del Chile alegou que o líder estaria morto desde dezembro. Poucos dias depois, um internauta colocou em um *site* de relacionamento a tal foto que seria do presidente venezuelano morto.



Figura 2. A foto foi difundida originalmente pelo *site* theatlanticwire.com (em 27.02.2013), porém não se sabe a autoria primeira da sua reprodução.

A imagem divulgada, quase que contigualmente à cirurgia, reforçou a tese de que Chávez não sobreviveu à quarta operação, em Cuba. Para tanto, a imagem atribuída a Chávez, morto, decora o texto informativo. Mas, a fonte vai mais longe, uma vez que tenta certificar a veracidade do documento, emitindo comentários sobre algumas marcas que comprovam a morte de Chávez: “a foto é bem realista e mostra o líder já dentro de um caixão”. O documento suscita reações dos seus opositores que exigem que o presidente venha a público. Algo que “não aconteceu segundo a mesma fonte, e que acrescenta: em resposta, Nicolas Maduro apareceu nos meios de comunicação afirmando que Chávez está vivo e acompanha de perto tudo o que se passa na Venezuela hoje. E vaticina: “nada se sabe, resta ao público esperar ou especular, certamente os que compartilham imagens como essa fazem parte do time dos especuladores”.

b) El País descobre Chávez: 2º episódio

Seis dias após a circulação da primeira imagem de Chávez morto, uma operação de um outro complexo trabalho de midiatização faz veicular nova imagem de Chávez, registro que perdura como verdadeiro, pelo menos, durante meia hora, tempo no qual a imagem circula na edição digital do jornal espanhol El País.



Figura 3. Reprodução do El Espectador, 24.01.2013.

Em informação de primeira página, El País divulga uma foto na qual mostra o presidente em leito hospitalar, onde recebe cuidados médicos, ao lado de chamada de uma matéria, que vai publicada em página interna, e cujo título e texto afirmam: “O segredo da enfermidade de Chávez (...). O estado de saúde do presidente venezuelano Hugo Chávez se converteu em um dos segredos melhores guardados dos últimos anos e objeto de polêmica política neste país, ante a ausência do dirigente em sua posse após as últimas eleições. As imagens que hoje publica EL PAÍS (...) mostra um momento do tratamento em Cuba, segundo fontes consultadas pelo jornal. Nem o governo venezuelano nem o cubano deram informação detalhada do tipo de câncer que sofre Chávez nem os cuidados que está recebendo, o que tem gerado uma árdua controvérsia e a exigência de transparência por parte da oposição venezuelana. As últimas informações oficiais falam de uma melhora de Chávez e de sua possível volta a Caracas” (p.6). Advertido por redes sociais de que a documentação fotográfica seria falsa, o jornal publica matéria que recebe o título “El País retira uma falsa foto de Hugo Chávez”, explicando: “O El País retirou esta madrugada de sua página *web* uma foto que mostrava um homem entubado em uma cama de hospital e que uma agência informativa (Gtres Online) havia cedido ao jornal afirmando que se trata de Hugo Chávez, presidente da Venezuela (...). A foto permaneceu na página da *web* do jornal aproximadamente durante meia hora (...). Após haver constatado que a imagem oferecida não correspondia à de Chávez, El País paralisou assim mesmo a distribuição de sua edição impressa e procedeu o envio de uma nova edição aos pontos de venda”. (<http://internacional.elpais.com/internacional/2013> (24.01.2013; 12h36min CET).

A suposta imagem de Chávez faz um enorme e complexo fluxo até desembocar nas mãos e olhos de leitores. Segundo o relato do próprio jornal, foi cedida por uma agência, a Gtres Online, com quem El País trabalha há anos, e que também representa na Espanha mais de uma centena de agências internacionais. Inicialmente – conforme explica o próprio jornal no processo no qual midiaticiza a foto – a agência lhe ofereceu a imagem, segundo ele ainda, obedecendo a procedimentos habituais. Quando abordada sobre a origem da imagem e as condições nas quais a mesma teria sido obtida, a agência “assinalou que a mesma procedia de uma enfermeira cubana, através de sua irmã, residente na Espanha”, lembra a nota explicativa do jornal. A agência acrescenta ainda que “a imagem havia sido feita sete dias antes e que a pessoa que havia lhe oferecido havia retirado do círculo médico que atende a Chávez. A Gtres Online pediu que não fossem publicados estes detalhes para evitar represálias à presumível autora da foto em Cuba”. Explica ainda que não acionou a sua correspondente em Cuba para examinar a veracidade das fotos, pelo fato de a mesma se constituir numa blogueira (Yoani Sanchez), cujos movimentos são permanentemente vigiados pelas autoridades cubanas, o que dificulta qualquer trabalho de verificação. Relata também que consultou seu “Manual de redação” o qual estabelece que “as fotografias com imagens desagradáveis somente serão publicadas quando acrescentam informação”. E que chegou à conclusão de que a imagem {de Chávez} era

pertinente, em um momento no qual o estado de saúde do presidente venezuelano é motivo de grande polêmica e estaria despertando o debate político em seu país devido à sua ausência, na posse de suas funções após as eleições presidenciais e diante da falta de transparência das autoridades. "A imagem publicada (...) se constituía no juízo dos responsáveis da redação do jornal, um documento de interesse informativo", acrescenta a nota explicativa do El País "O periódico pede desculpas após retirar uma imagem falsa de Hugo Chávez" (El País 24.01.2013; 21h50min CET). Ainda em sua nota explicativa, o jornal lembra que "acompanhou a foto com um texto no qual advertia de que não havia conseguido verificar as circunstâncias, o lugar ou a data em que havia sido feita a fotografia". Na chamada de primeira página, nenhum detalhe sobre tais cuidados ali é descrito. No lugar desses, enfatiza como verdadeiro o teor do que fontes consultadas lhes transmitiram, ou seja, um momento de tratamento médico recebido por Chávez, em Cuba. Porém, num momento seguinte, ao reconhecer o teor falso da imagem, uma nota do jornal, em sua versão digital, lembra que o "texto que acompanhava a foto afirmava que o El País não havia logrado verificar de forma independente as circunstâncias, o lugar e a data nos quais a fotografia havia sido feita (<http://interacional.elpais.com/interacional/2013/01/24/actualidad>).

Vinte e quatro horas após o episódio e as primeiras explicações do El País, o acontecimento segue em um intenso processo de circulação, na medida em que é apropriado por vários porta-vozes. Dele se ocupam ministros e auxiliares de Chávez, bem como líderes políticos, como é o caso da presidente da Argentina Cristina Kirchner que qualificou o fato como "canalha". No contexto brasileiro, é revelado por sua mídia ser outra a origem da foto, apoiando-se, desta feita, na informação revelada pelo ministro da Informação da Venezuela, Ernesto Villegas, emitida em sua conta no *twitter*: "trata-se de um frame proveniente de um vídeo de uma cirurgia de outra pessoa, um paciente que sofre de doença hormonal, retirada do Youtube" (Zero Hora, 24.01.2013; 7h16min).



Figura 4. Imagem de capa do vídeo onde supostamente foi retirada a falsa imagem de Chávez. Encontrado em Zero Hora digital, 24.01.2013.

O documento aparece com um título superposto à imagem, com o seguinte enunciado: “Intubação Acromegalia AMVAD”. Esta versão é confirmada pelo *site* G1 que detalha que a foto foi “tirada do *site* de compartilhamento de vídeos do YouTube (30.01.2013; 11h23min). Na escalada da circulação, aparece um novo elo agregando-se ao circuito no qual se processa a circulação da foto. Relato da edição digital do *El Expectador*, de 24.01.2013; anuncia que, segundo a agência de notícias Notimex, a foto foi enviada pelo fotógrafo italiano Tommaso Debenedetti a uma agência da Costa Rica, à agência estatal venezuelana e à Prensa latina de Cuba”. Ao explicar as razões do seu ato, o jornalista diz que, no momento em que fez a divulgação da imagem, “se fez passar por um ministro venezuelano e sua intenção foi a de verificar o rigor dos meios quando decidem publicar material fotográfico” (“Autor da foto falsa de Chávez se crê como rei de mentiras”).



Figura 5. Tommaso Debenedetti, autor da foto falsa

Reprodução, *El Espectador*. Foto: Tomada de Caracol TV, 24.01.2013.

Se Debenedetti se autorreconheceu como a fonte, infere, certamente, sobre o que significaria a tarefa de pôr em circulação imagens que se disseminariam em vários meios. Possivelmente, não imaginava sobre o exato destino da sua foto, para além dos suportes informativos a quem a cedeu, conforme ele mesmo reconhece: “não imaginei que a foto iria parar na primeira página do *El País*” (G1, 30.01.2013; 7h23min). Nessas condições, conhecedor da lógica da circulação saberia que o destino seria uma mídia, mas, se possível, de grande referência. É sabido, nestas circunstâncias, dois dias antes de sua publicação por *El País*, a foto foi oferecida a outro jornal – *El Mundo*. Seu diretor disse em sua conta no *twitter*, que “a agência ofertadora da imagem afirmou que a imagem foi feita uma semana antes. E a decisão de não publicá-la foi devido aos altos custos cobrados, bem como pela falta de informações precisas, e por respeito à figura do presidente” (O GLOBO, 24.01.2013; 9h24min). Que a imagem parasse em um grande jornal, isso admitia Debenedetti. Porém, que ela viesse a paralisar, literalmente, a sua circulação, poderia ser algo mais remoto, não obstante viver, segundo ele mesmo

disse, do expediente de produzir fatos. O jornalista aparece como um operador fazendo seguir adiante a imagem, sabendo da existência dos circuitos, mas talvez minimizando que, na outra ponta, o circuito das redes sociais poderia obstar ou redirecionar este trabalho de circulação. Certamente, o circuito sobre o que se descreve esta operação é apenas um dos lados visíveis desta complexidade que é a circulação nos atuais processos de midiatização. Há várias procedências, elos, bifurcações, etc. Há vários acoplamentos que apontam para o fato do El País não se constituir apenas em um receptor passivo das fotos. A versão da existência de um vídeo volta à tona, quando, pela primeira vez, o campo médico se pronuncia ao ver “emblemas” de suas práticas associadas ao vídeo de onde, certamente, a imagem teria sido extraída. Entidade médica do México desmente que a pessoa registrada por um vídeo {supostamente aquele que foi extraído do YouTube} corresponda a imagem de Chávez. Rechaça o uso que o diário espanhol deu ao vídeo de onde, possivelmente, teria extraído a foto atribuída a pessoa de Chávez, publicada pelo YouTube em 2008. Os médicos desmentem que a pessoa do vídeo fosse a do mandatário venezuelano. A organização médica ainda explica que o vídeo “se trata de um paciente acromegálico de 48 anos submetido a um processo de intubação para nela ser realizada uma ressecção de adenoma de esôfago” (<http://El-nacional.com/mundo>; 24.01.2013, 7h36min). “O homem da foto é outro, e não Chávez”, diz um médico anestesista que cuidou daquele paciente, e cujos tratamentos cirúrgicos foram gravados para fins educacionais.

c) Chávez aparece, mas em carta

Ainda no final de janeiro, um complexo e estratégico trabalho da circulação faz com que Chávez “ressuscite” e volta à cena da vida política, contrariando as versões de sua morte. Porém, tal retorno é anunciado de acordo com certa peculiaridade, segundo relato das mídias: Ao invés de moribundo, Chávez é nomeado como “o convalescente presidente (...) fez sua presença ser sentida nesta segunda-feira, numa cúpula de um grupo de países latino-americanos com uma carta cheia de referências literárias em que apelou pela unidade regional” (<http://noticias.terra.com.br/mundo>, (28.01.2013; 16h48min).



Figura 6. Reprodução, Terra Notícias. Foto: Palácio Miraflores/ Reuters, 28.01.2013.

O fragmento aparece em matéria, que é antecedida pela foto cuja legenda explica a presença de Chávez, via um porta-voz: o “vice-presidente da Venezuela, Nicolas Maduro, lê uma carta do presidente venezuelano em reunião geral da cúpula da comunidade dos estados Latino-americanos e caribenhos-CELAC (Santiago em 28.01.2013). “A matéria além de destacar as condições através das quais Chávez se faz presente, mediante o envio de uma carta, ressalta, também, a sua leitura através de um porta-voz, chamando atenção para o trecho no qual Chávez enuncia as condições de sua presença: “Desculpe, não posso participar deste evento em Santiago, no Chile, mas é do conhecimento de todos e de todas vocês que, desde dezembro do ano passado, eu estou lutando com a minha saúde novamente na Cuba revolucionária e irmã. Por isso, essas linhas são uma forma de me fazer presente”. Esse episódio nos faz lembrar da única ocasião em que o presidente Tancredo Neves estabelece um contato com o mundo externo ao hospital, durante o ciclo de sua enfermidade. Este se faz sob as expensas da intermediação médica, através de um lacônico bilhete escrito em uma folha do prontuário médico, ainda quando de sua internação em Brasília, e no qual afirma: “Estou sentindo calor” (Fausto Neto, 1988: 153). Diferentemente desta circunstância, Chávez mantém linha de contato com o mundo externo, na qual se vê, certamente, o dedo da sua assessoria. Seja através dos seus porta-vozes, quando intervêm no episódio das fotos; seja através da carta acima relatada, e, também, quando envia mensagens pelo *twitter* e, pausa para fotografia, ao lado das filhas, segundo imagens que são enviadas ainda de Cuba, antes do seu regresso a Caracas, onde dias depois, falece.

d) As fotos como “contraprovas”

Praticamente, quinze dias após, seu “retorno” através de uma carta, sua presença se exterioriza através das primeiras fotografias que são divulgadas pelo próprio governo venezuelano. São imagens que mostram Chávez no hospital cubano, deitado em leito no qual é cuidado, segurando exemplar do jornal cubano Granma, ao lado de suas duas filhas. Na primeira, Chávez, ao lado das filhas deixa-se ver, enseja a possibilidade dos leitores lhe interpelarem. É uma imagem típica de “álbum de família”, possivelmente a última através da qual Chávez se coloca em contato com a sociedade. Na segunda, trata-se de uma foto que, de alguma forma emite uma mensagem política, pois a ênfase da imagem destaca Chávez enquanto um leitor e, particularmente, do jornal oficial cubano, ao ser mostrado com exemplar do período, em punho.



Figura 7. Reprodução, O Globo. Foto: Divulgação, Ministério das Comunicações e Informação da Venezuela, 05.03.2013.



Figura 8. Reprodução, O Globo. Foto: Divulgação, 15.02.2013.

Não há registros de que o presidente tenha falado, nesta ocasião, o que nos faz lembrar a única imagem que foi feita do presidente Tancredo, ainda durante sua hospitalização em Brasília, onde aparece recostado a um sofá, ao lado dos médicos que o assistiam. A imagem buscava provar que o presidente estava vivo, convergindo com as versões dos relatórios do porta-voz transmitidos diariamente para a sociedade, via um encontro de trabalho com repórteres que cobriam o hospital. Essa é a primeira vez e possivelmente a última, depois de dezembro, quando de sua última viagem a Cuba para a quarta cirurgia, que se tem imagens de Chávez, enunciadas segundo condições especiais. Diz a mídia que foi “o governo da Venezuela quem mostrou,

há três dias havia, as primeiras imagens deste tempo de convalescência em que Chávez, de 58 anos, aparecia recostado em uma cama, com o rosto sorridente e inchado, com um exemplar do diário oficial Granma e rodeado pelas filhas” (El Expectador, 18.02.2013). Na mesma nota se publica relato do vice-presidente Maduro, na condição de porta voz, comentando que “depois de dois meses de um complicado processo pós-operatório, o paciente se mantém consciente, com integridades das funções intelectuais, em estreita comunicação com sua equipe de governo e à frente das tarefas fundamentais inerentes ao cargo” (El Expectador, 18.02.2013).

e) A fala que falha

Se Chávez era exibido através de imagens, em registros que são feitos 68 dias após sua viagem para Cuba, e se um dos seus porta-vozes assegurava que o presidente goza de plenas faculdades, através das quais se mantém em contato com seus auxiliares, um outro porta-voz – o Ministro das Comunicações – descreve cenas do mundo hospitalar. Anuncia que Chávez falha. Ou seja, descreve novos sintomas que acometem a comunicabilidade de Chávez com o mundo externo. O presidente perdeu a voz habitual, mas é algo reversível. (El Nacional, 16.02.2013). Em manifestação por uma cadeia de rádio e televisão, tal assessor informa que “Chávez respira através de uma cânula traqueal, expressando ainda que seja um processo reversível, o presidente perdeu a voz que o caracteriza e que é preciso fazer atenção para escutá-lo”. Indica ainda que, quando reflete, tende a expressar suas ideias por escrito. “Nós esperamos realmente voltar a escutá-lo” (El Nacional, 16.02.2013).

f) O retorno autoanunciado

Numa escalada de discursos, que procuram criar um “ciclo de contatos” mais frequente entre o presidente e o contexto fora do mundo hospitalar, e três dias após a emissão da foto com as filhas, Chávez retorna à Venezuela de modo inesperado, pelo menos para o mundo externo ao ambiente médico e político. Tal fato é destacado pela mídia, ressaltando, principalmente, as condições nas quais se dá a anunciabilidade do seu retorno: “o mandatário foi quem fez o anúncio através de sua conta no *twitter*” (<http://www.elespectador.com/noticias/elmundo/> 18.02.2013), inserindo fragmentos do texto veiculado pelo próprio presidente: “Chegamos de novo à pátria venezuelana. Obrigado, meu Deus! Obrigado, Povo amado! Aqui continuaremos o tratamento!”, escreveu o chefe de Estado, esta madrugada em sua conta *twitter@chavezcandanga*“. Graças a meu Deus. Diz Chávez em seu *twitter*. Em mensagem posterior, postada também no *twitter*, Chávez informa que “continuo junto a Cristo e confiando em meus médicos e enfermeiras. Até a vitória sempre! Viveremos e venceremos!” (El Universal, 18.02.2013; 05h02min). Não há imagens de Chávez uma vez que, após a sua chegada, é conduzido diretamente para um hospital militar onde permaneceu até a sua morte. Porém, em sua edição digital, o Diário Veja na matéria em que cobre o retorno de Chávez, articula o anúncio da sua volta, mediante o título: “O presidente Chávez está na Venezuela” com uma foto (de arquivo) na qual Chávez aparece trafegando em um ambiente público. Esta “estrutura argumentativa (título+foto+mais texto),

que funciona menos como um dispositivo de decoração ao informe dado, e mais como um atestado de prova do regresso do presidente. (<http://diariovea.com.ve/política/elpresidente-chavezestaemVenezuela>, 18.02.2013; 13h57min).



Figura 9. Reprodução, Diário Vea. Foto: sem autoria, 18.02.2013.

Jornais do universo brasileiro, em sua versão *on line*, ao registrar o retorno de Chávez, enunciam em títulos de suas páginas principais, quase semelhantes, numa diferença de cinco minutos no fluxo de uma edição a outra: “Dois meses após a cirurgia, Chávez volta de surpresa à Venezuela” - FSP, 18.02.2013; 7h05min. Já o Estado de São Paulo diz que “Chávez volta de surpresa de Cuba para Venezuela” - 18.02.2013, 7h10min. A operação de registro aponta para a intensa atividade da circulação, na qual a mídia se faz presente, mas também para uma variação de construção enunciativa: se em um dos títulos se diz que Chávez volta de surpresa, após cirurgia, no outro o seu retorno a Cuba se constitui na própria surpresa.



Figura 10. Reprodução, Estadão. Foto: Jorge Silva/Reuters, 18.02.2013.

A edição do Estado de SP insere ao lado de uma matéria uma outra mensagem sobre o retorno de Chávez e que está associada ao seu regresso ao país. Ela é veiculada no vidro de parte traseira de um veículo, de cor vermelha, estacionado no hospital para onde Chávez foi transportado. Além do enunciado, no qual se faz uma menção ao seu retorno, há uma fotografia do líder. Associados a esses dois textos, chama atenção para algo dúbio: voltou para o país ou para {um outro} hospital?

Notas conclusivas

Dois meses antes da morte do presidente venezuelano, uma nota publicada pelo El País e assinada por um dos seus colaboradores, em 19.01.2013, já o colocava fora de cena: “Chávez passa para a clandestinidade”. Valendo-se desse recurso metafórico, na verdade, a matéria chamava atenção para o fato de o “líder mais midiático e loquaz da história da Venezuela se colocar, há mais de um mês, oculto em Cuba” (El País, 19.01.2013). De certa forma, o texto é efeito de uma realidade na qual o dispositivo político, ao deslocar o presidente para uma realidade geográfica, onde vai se dar o seu tratamento, arrasta consigo as condições satisfatórias para a produção de acontecimento, particularmente, diante “ausência assediante” do próprio objeto, ao discurso de informação. Porém, na falta do objeto, o “corpo significante” do presidente produz outros sentidos que se processam na dinamização de um circuito informativo, e mediante um processo de circulação ativado por múltiplos atores e estratégias, que, a seu turno, tratam de instaurar, além desta cadeia, a complexificação da própria estrutura de mediação. Estamos diante de um complexo “caso” que é, didaticamente, “exasperado” pelas lógicas e operações de múltiplas narrativas que do caso se ocupam, visando nomeá-lo segundo as singularidades de diferentes estratégias analíticas. Essa profusão de fluxos de uma atividade comunicacional, no seio de uma cena da circulação midiática, é designada por analistas como desamparo informativo”. Certamente, se referiam a um “mal-estar” que se manifestava por situações paradoxais: o presidente que está vivo, mas que não volta ao país; que se mostra, mas não fala, a não ser por carta; que pensa, mas não pode emitir, verbalmente, que está vivo, mas cuja prova de sua existência se dá através de fotos falsas. Que anuncia o seu regresso pelo *twitter*, mas é guardado no hospital. Particularmente, a cadeia de circulação de operações através das quais se constrói o processo de operação de sentido sobre a foto falsa de Chávez, revelada pela mídia jornalística, é uma boa metáfora para simbolizar a ideia do desamparo. A foto, cuja origem não se sabe ao certo – se fotografia ou extração de vídeo – faz um amplo percurso: passa pelas mãos de um jornalista, que a repassa para duas outras agências que, a seu turno, fazem chegá-la em uma segunda agência-representante de várias outras. Essa oferece a imagem inicialmente a um jornal que não se interessa por sua compra, colocando-a adiante para uma nova oferta, junto a um jornal que, consultando seus referenciais editoriais, resolve editá-la, para-depois de certificado pelas redes sociais de que

é falsa, e reconhecer o logro de que foi vítima - resolve estancar o processo de circulação. Porém, se tal processo é paralisado, seus efeitos seguem adiante, oferecendo-se, pelo menos enquanto pista, para uma leitura do que representa o “desamparo informativo”, enquanto sintoma que vai adiante. Tal déficit não pode ser solucionado na medida em que o simbólico trata de apontar para a incompletude de uma cadeia, a dos sentidos, cuja atividade prossegue, instaurando-se, inclusive, na lógica do mito. E é por essa razão que seria difícil encontrar respostas tão rápidas, se fosse fácil concordar com o argumento segundo o qual “aqui nada do que circula é casual, ou improvável”, conforme fragmento de uma declaração prestada à mídia, por um dos mais respeitados intelectuais venezuelanos, Antonio Pasquali (El País, 19.01.2013). Essas são respostas formuladas em outros imaginários, como a de um grafiteiro que, na forma de uma enunciação exortativa – certamente equidistante de discursos atravessados pelas injunções de outras racionalidades – propõe: “Digam que Chávez está muerto”.



Figura 11. Reprodução, jornal Folha de SP, 04.01.2013

Quem toma a iniciativa de consumir este desamparo? Na impossibilidade de reverter-lo, a cadeia de sentidos vai adiante. E, após o impressionante desfile no qual o povo venezuelano conduzia o corpo do seu líder pelas ruas de Caracas, surge o dia seguinte para este caminhar, e nele vai se postergando o reconhecimento do desamparo: Chávez vira um novo significante, embalsamado ou guardado no panteão dos heróis nacionais. Vai para a “galeria da mitologia” levado pelos imaginários, e somente estes poderão de lá retirá-lo para conduzi-lo a um outro lugar. Nos atuais processos de midiatização, a circulação põe em movimento os acontecimentos, segundo dinamização que opaciza suas possíveis autorias, privando-os de fontes e os esquemas enunciativos passíveis de gerar a interpretação. O desamparo aludido significa a ruptura de um modelo no qual fonte e a mediação não seriam mais os ingredientes para sua lactância. A bordo da viagem da midiatização, quem produz e sustenta o discurso? Na dúvida, uma escala-técnica pelas paragens das mitologias.

Referências bibliográficas

BARTHES, Roland. *Mitologias*. São Paulo : Difel, 1979.

BERRENDONNER, A. *Strategies discursives: Actes du Colloque du Centre de Recherches Linguistiques et Semiologiques de Lyon*, 20-22 mai 1977. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1978.

ESPADA, Arcadi; BUSTO, Ernesto Hernández (orgs.). *El fin de los periódicos crisis y retos del periodismo actual*. Barcelona: Duomo ediciones, 2009.

FAUSTO NETO, Antônio. *O corpo falado: a doença e morte de Tancredo Neves nas revistas semanais brasileiras*. João Pessoa: UFPb/PROED-MEC, 1988.

FAUSTO NETO, Antônio. Fragmentos de uma “analítica” da midiática. *Matrizes* – Revista do programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. São Paulo, ano 1, n.2, p.89-105, jan/jun, 2008. ISSN 1982-2073.

FAUSTO NETO, Antônio et al (orgs.). *Midiatização e processos sociais na américa latina*. São Paulo: Paulus, 2008.

FAUSTO NETO, Antônio. Narratividades jornalísticas no ambiente da circulação. In: PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo (Orgs.). *Narrativas comunicacionais complexificadas*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012.

FAUSTO NETO, Antônio; SGORLA, Fabiane. A travessia de Fátima Bernardes: “estamos órfãos: o JN não tem mais sentido”. In: OLIVEIRA, Ivone de Lourdes; MARCHIORI, Marlene (Orgs.). *Comunicação, discurso, organizações*. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2013. – (Série pensamento e Prática; v.6).

FLAHAULT, François. *A fala intermediária*. Lisboa: Via, 1979.

FORD, Aníbal. *La marca de la besta: Identificación, desigualdades e infoentretenimiento en la sociedad contemporánea*. Barcelona, Buenos Aires, Caracas, Guatemala, México, Panamá, Quito, San José, San Juan, San Salvador, Santafé de Bogotá, Santiago: Grupo Editorial Norma, 1996.

GOODY, Jack. *O mito, o ritual e o oral*. Petrópolis: Vozes, 2013.

IMBERT, Gérard. *Le discours du journal a propos de “El País”*: Por une approche socio-semiotique du discours de la presse. Paris: Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), 1988.

JANOTTI JUNIOR, Jeder; MATTOS, Maria Ângela; JACKS, Nilda (orgs.). *Mediação & mediação*. Salvador: Edufba; Brasília: Compós, 2012.

LÓPEZ, Manuel. *Cómo se fabrican las noticias: Fuentes, selección y planificación*. Barcelona: Paidós, 1995.

MIRANDA, José A. Bragança de. O acontecimento como invenção necessária da história. *Trajectos - Revista de comunicação, cultura e educação*. Lisboa, n.6, p.113-121, primavera, 2005.

MOUILLAUD, Maurice. PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). *O Jornal: da forma ao sentido*. 3. ed. rev. ampl. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2012.

PINTO, Julio. *O Ruído e Outras Inutilidades: ensaios de comunicação e semiótica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

QUÉRÉ, Louis. Entre o facto e sentido: a dualidade do acontecimento. *Trajectos - Revista de comunicação, cultura e educação*. Lisboa, n.6, p.59-75, primavera, 2006.

VERÓN, Eliseo. *Papeles en el tiempo*. Buenos Aires: Paidós, 2011.